

DO CÁRCERE À INVENÇÃO: GÊNEROS SEXUAIS
NA CONTEMPORANEIDADE

Aline Fernandes de Azevedo Bocchi¹

Gustavo Grandini Bastos²

Resenha de: GARCIA, Dantielli Assumpção; BIZIAK, Jacob dos Santos; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. *Do cárcere à invenção: gêneros sexuais na contemporaneidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, 286p.

Do cárcere à invenção: gêneros sexuais na contemporaneidade, coletânea organizada por Dantielli Assumpção Garcia, Jacob dos Santos Biziak e Lucília Maria Abrahão e Sousa, textualiza a potência e a multiplicidade de abordagens dos gêneros sexuais, a partir do que os organizadores designam, apoiados em Rancière, “partilha do sensível” (p. 7). Ela materializa as contradições da sociedade contemporânea no que diz respeito aos gêneros sexuais, os retrocessos que repetidamente se impõem, mas, também, os avanços nos campos da teoria e da militância, os confrontos e as resistências à lógica estabilizadora de padrões, comportamentos e representações acerca dos gêneros e das sexualidades. Ela não nos restringe, portanto, ao cárcere do/no pensamento, mas aponta um horizonte de liberdade.

Densa e instigante, a coletânea apresenta pontos de vista diversificados e, por vezes, conflitantes, mantendo uma posição que não apaga as contradições que permeiam o encontro entre diferen-

¹ Pós-doutoranda na FFCLRP/USP - E-l@dis, com financiamento Fapesp (proc. 2016/20876-6); Professora colaboradora no Mestrado em Linguística da UNIFRAN. Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. E-mail: azevedo.aline@gmail.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na FFCLRP/USP, com financiamento CAPES. Membro do E-l@dis. E-mail: gugggrandini@gmail.com

tes teorias, mas, ao contrário, lança luz sobre elas para teorizar o tema em questão em sua heterogeneidade irreduzível. A obra, então, não apazigua questões problemáticas, mas se esforça em desvelar a transparência com que as relações entre sexo, gênero e sexualidade se produzem como imaginariamente a-históricas, lineares e contínuas, revelando um campo de questões em que o por vir é incontornável, que coloca qualquer asserção de certeza antecipada na berlinda.

Sua leitura nos coloca de forma outra na relação com os três tempos lógicos de Lacan: no *instante do olhar*, vemos o outro e a exterioridade, mas não sabemos quem somos; no *momento de compreender*, acreditamos poder dizer quem somos, mas não há convicção, estamos diante do não-saber e da hesitação; no *momento de concluir*, precipitamo-nos rumo ao remate do percurso, porém certos de que não há garantias, apenas provisoriedade. *Do cárcere à invenção: gêneros sexuais na contemporaneidade* não nos permite, na forma como formula as questões que apresenta, qualquer estabilização das coisas-a-saber, pois coloca em suspeição as próprias asserções que cada ensaio apresenta enquanto sua verdade construída: a obra não faz um, mas se constitui em um não-todo. Ela nos confronta com o fato de que a condição do sujeito é ser finito, sexuado e incompleto, mas que, entretanto, não há complementariedade possível, confirmando a *não relação sexual*.

Corpos contraditórios e o inapreensível do sexo, do gênero e da sexualidade abre a primeira das três partes que compõe a coletânea e organiza cinco artigos sob o título *Gêneros sexuais e linguagem*. Neste primeiro artigo, a autora Aline Fernandes de Azevedo Bocchi trabalha os limites do simbólico frente ao real do corpo, do sexo e da sexualidade, a partir da análise de dois documentários e um grafite que dão

visibilidade às ambiguidades e contradições do dualismo (masculino *versus* feminino) que orienta e determina nossa sexualidade. Os saberes médico e jurídico intervêm incessantemente sobre os corpos dos sujeitos, em nome da adequação entre sexo biológico e gênero, num esforço de apagamento da ambiguidade sexual. Entretanto, é pelo corpo que se resiste: “a língua e suas margens cortadas por falhas atestam, pela/na irrupção do equívoco, os pontos de deriva nos quais as proposições lógicas encontram o impossível do gênero, do sexo e da sexualidade” (p. 18).

Em *O corpo cantante e a voz no feminino*, Pedro de Souza toma como ponto de partida a perspectiva foucaultiana da voz como marca de um modo de presença do sujeito, mostrando que a modulação vocal, ao se rasgar em gritos, é “índice de denúncia do mal que o mais fraco ostenta” (p. 40). O destaque dado por Foucault à voz feminina, em suas considerações sobre a *parresia*, inspira Souza a pensar gestos de rebelião pela voz apreensíveis em um documentário cinebiográfico que retrata a história de mulheres iranianas impedidas de cantar em condições políticas precisas: na ordem do discurso islâmico, a voz feminina, quando ressoa em solo, deve ser interdita pois leva os homens ao prazer sexual. Trata-se, no documentário *No Land’s Song*, roteirizado por Sara Najafi e dirigido por Ayat Najafi, de uma voz proibida de soar publicamente, “um registro do acontecimento da voz feminina apresentada como subversão na esfera pública de certo regime de interdição” (p. 42).

Rodrigo Daniel Sanches, Gustavo Grandini Bastos e Dantielli Assumpção Garcia, em *Liberdade de gênero: linguagem, memória e códigos culturais a partir do trabalho da cartunista Laerte*, abordam a dissociação entre gênero e sexo biológico, mostrando como as posições subjetivas inscritas no trabalho de Laerte desestabilizam a evi-

dência do sexo biológico como forma de identificação de gênero. A sedimentação da compreensão de gênero a partir da divisão binária entre homens e mulheres é colocada em xeque por Laerte, pela/na ambiguidade instalada por um corpo biológico masculino adornado por peças de vestimenta e acessórios femininos. A história de Laerte permite, segundo os autores, “expandir conceitos e definições, observando, apreendendo e analisando vários aspectos sobre liberdade de gênero” (p. 79).

Em *Angústia e gêneros sexuais: pelo por vir*, Jacob dos Santos Biziak traça uma tarefa, a de bordear o que se entende pela precariedade do sujeito, articulada com a enunciação. Seu ponto de partida é a reflexão de Judith Butler presente em *Relatar a si mesmo* (2005), particularmente a violência ética que envolve a precariedade de uma existência constituída por alternativas identificatórias limitadas, ancoradas em exigências normalizadas, nas quais “a alteridade como que desaparece, e o sujeito é convocado a se identificar com o ‘mesmo’, o suposto ‘padrão universal’, em geral, branco, masculino, heterossexual, de certa renda e estilo de vida” (p. 84) Essas identidades escapantes trazem uma fantasia que subjuga e apaga as diferenças, em nome do “desejo de apropriação de uma existência que seja reconhecida pelo (O)outro” (p. 84). Biziak, então, concatena tal reflexão à angústia, pensada a partir de Freud e Lacan como aquilo que se produz pela impossibilidade do sujeito identificar-se de maneira única, acabada e centrada. Em outras palavras, a identificação é sempre não-toda. Daí, a impossibilidade de completude via identidade/identificação produziria uma angústia que se revela na enunciação, no relato de si mesmo: “a falta torna-se elemento constituinte do sentido” (p. 90), cabendo ao sujeito apenas bordeá-la, sem jamais tamponar a hiância. A partir disso, o autor propõe que toda enunciação é estruturada como se fosse

uma angústia, e que os gêneros sexuais guardam um lugar particular nesse funcionamento. O “relatar a si” mesmo, ao operar a partir da diferença, no deslizamento de “hetero” para “homo”, constituiria, então, um gesto de resistência, já que “trata-se de desejar o impossível como experiência de liberdade dentro do cárcere” (p. 100)

A cultura funk, a mulher e o feminismo: uma resistência artística?, de Dantielli Assumpção Garcia e Lucília Maria Abrahão e Sousa, fecha a primeira parta desta coletânea. Nele, as autoras mobilizam as noções de *silêncio*, pensada a partir de Orlandi, *ideologia* e *sujeito*, via Michel Pêcheux, em análises que contemplam o vídeo e a música *A missão vai ser cumprida*, produzida pelo coletivo feminista *Pagu-Funk*, articuladas à recortes da *Carta Aberta* publicada pelo coletivo no Facebook em resposta à censura que o vídeo sofreu ao circular no ciberespaço. O artigo produz reflexões valiosas acerca da relação entre a mulher e a cultura funk. Ele propõe examinar como a mulher é interpelada a assumir uma posição-sujeito mulher-militante, por meio de um discurso feminista revolucionário que abriga um deslizamento de sentido da militância pela arte e pela cultura à militância pela violência. Na conjuntura sócio-histórica brasileira, constituída por relações de opressão e subordinação da mulher ao patriarcado, a Formação Discursiva bélica sustenta as relações de sentido materializadas na música *A missão vai ser cumprida*, inscrevendo a mulher militante na posição de combatente, produzindo efeitos de enfrentamento ao patriarcado.

O artigo de Carla Rodrigues, intitulado *Como a marca masculina poderia ser anterior à diferença sexual?*, integra a segunda parte de *Do cárcere à invenção: gêneros sexuais na contemporaneidade*. Nele, a autora tece uma interpretação outra para o mito de Gênesis. Seu percurso parte da exigência de retorno à discussão sobre a relação natu-

reza – cultura proposta por Beauvoir, visando mostrar como “o elemento feminino tem chance de ser o caminho pelo qual se abrem os questionamentos ao poder” (p. 126). Ele passa por uma leitura de Butler a partir de Derrida, para realizar uma releitura do tema da maternidade, concatenada à ideia de Butler de que uma vida que vale a pena é aquela passível de luto. Em sua interpretação de Gênesis, Carla Rodrigues produz um deslizamento importante, sustentado em uma questão de tradução: “o homem não se constitui *antes* da mulher” (p. 133). “A costela torna-se não mais a origem nem da mulher nem da diferença sexual, mas a prótese de origem do homem e da mulher” (p. 133), colocando em questão, assim, “atribuição da origem secundária do feminino” (p. 133).

Em *A garota dinamarquesa. Um corpo escrito, um corpo falante*, Ruth Silviano Brandão faz uma leitura do filme *A garota dinamarquesa*, sob o prisma da Psicanálise lacaniana. O filme narra a trágica história de Lili Elbe, a primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo. Embora explicita uma proposta segundo a qual, na atualidade, “a dubiedade sexual, tanto na sociedade como nas ficções, cada vez mais se deixa ver e legitimar” (p. 140), o artigo recai, ainda, na contradição que constitui o discurso psicanalítico acerca do tema, pois não consegue desvelar-se de fato de uma leitura concatenada à patologização desses corpos. Interpretar este artigo a partir da categoria da contradição permite ver justamente o ponto cego de uma certa leitura psicanalítica que insiste em sustentar uma posição segundo a qual a transexualidade é considerada uma patologia, especificamente um tipo de psicose. Isso se dá a ver pela/na escolha das referências citadas que, em geral, insistem nessa posição, mesmo que, por vezes, tente deslocá-la. A contribuição de *A garota dinamarquesa. Um corpo escrito, um corpo falante* consiste, justamente,

em explicitar as dificuldades da Psicanálise para abordar o tema, ou seja, ela dá a ver os próprios limites de uma certa leitura acerca desta questão.

O artigo *Políticas do corpo*, de Christian Ingo Lenz Dunker, vai em outra direção: ele busca "reverter nossas narrativas hegemônicas, inclusive nossa narrativa psicológica, psicanalítica e psiquiátrica, sobre a experiência primária do corpo" (p. 153). Dunker parte do funcionamento da ficção científica para dizer do estranhamento na relação com o corpo, como fazem os transexuais em sua experiência dramática e sua demanda científica de redesignação de sexo. Entretanto, a experiência do *corpo próprio*, pensada pelo viés da identidade como "experiência primária da propriedade não alienável" (p. 153), decorre da lei da *livre-iniciativa*. Ele sugere, então, partir do corpo impróprio, corpo *Unheimlich*, aquele que deriva da experiência de estranhamento descrita por Freud: o estranho devastador, "o sonho, o sexo, a invasão e a devastação causada pelo estranho que não é estrangeiro, mas íntimo e familiar" (p. 154). Para ele, o grupo colombiano Mapa Teatro, em *Exxxtrañas Amazonas*, coloca em questão a experiência identitária com o corpo, extrapola, através da paródia, o mito das Amazonas, mulheres guerreiras vivendo em uma sociedade formada apenas por mulheres, dando a ver a estrutura de ficção que perfaz as políticas de identidade: ele prefigura "a força do exagero paródico como forma de resistência política" (p. 158).

No ensaio que fecha a segunda parte da coletânea, intitulado *Sexo, gênero e desejo*, o psicanalista Joel Birman coloca em pauta uma "genealogia das relações que foram estabelecidas entre os conceitos de sexo, gênero e desejo, no Ocidente, desde o final do século XVIII, assim como a crítica dessa problemática desde os anos 50 e 60 do século passado" (p. 160). Essa problemática que, segundo o autor,

incide não apenas nos registros teóricos e clínicos, mas também éticos, social e político, tem por mote a revolução sexual, os deslocamentos e rupturas que ela produz nas formas de subjetivação, e realizou-se em três tempos, cada qual com seus temas específicos: a) o movimento feminista dos anos 50 e 60 do século passado, o questionamento da mulher interpretada a partir de um suposto instinto materno e a luta por espaço social e igualdade, interrogam a dominação masculina e a hierarquia ontológica entre os gêneros masculino e feminino; b) o segundo tempo tem como eixo o movimento homossexual, no qual “*gays e lésbicas* passaram a demandar as mesmas condições de existência social e de exercício erótico que os heterossexuais” (p. 164). Lutando contra a definição atribuída pela psiquiatria e pela psicanálise que insistia em uma interpretação da homossexualidade como perversão e degeneração, esse movimento reafirmou a legitimidade do desejo homoerótico; c) o terceiro tempo foi marcado pela questão transexual, radicalizando os pressupostos do feminismo e do homoerotismo: “o que o transexualismo propõe é a livre escolha pelo sujeito de sua condição de gênero, questionando o registro aleatório da combinação genética, por um lado, e o registro da nomeação parental, por outro” (p. 165). Em um percurso teórico que coloca em cena os principais nomes dos estudos de gênero e sexualidade, Birman mostra como essas diferentes leituras desconstruem as relações unívocas e lineares que sustentam as categorias do sexo, do gênero e do desejo, promovendo uma abertura para que se possa pensar a multiplicidade de condições de gênero que “tornaram teoricamente inconsistente qualquer concepção ontológica sobre o sexo e o gênero” (p. 180).

Jailson Luís Crestani, em *Machado de Assis e a representação do feminino na imprensa periódica do século XIX*, analisa a trajetória

literário-jornalística do autor, sua extensa e variada coleção de contos publicada nos jornais cariocas do século XIX. Apresenta, para tanto, uma análise comparativa de três narrativas de Machado de Assis: “Confissões de uma viúva moça”, publicado no *Jornal das Famílias*; “Curiosidade”, cuja aparição deu-se em *A Estação: Jornal ilustrado para a família*; e “Singular ocorrência”, publicado na *Gazeta de Notícias*, procurando averiguar os diferentes contornos assumidos na representação do feminino apresentada. Em “Confissões de uma viúva moça”, publicado em um periódico preocupado com a instrução moral e destinado a atender às expectativas de um público majoritariamente feminino, Machado de Assis articula uma crítica à condição social da mulher na sociedade de sua época, por meio do amor indecoroso com o qual a personagem Eugênia vê-se confrontada, resultado de sua carência afetiva frente a um casamento de conveniência. Em “Curiosidade”, a escrita machadiana apresenta uma certa afinção com os interesses do leitorado feminino, apresentado em *A Estação* através da representação da mulher como “ser frágil, ‘pueril’, de ‘sentimentos brandos e piedosos’, assinalado pelo signo do amor e da maternidade” (p. 196). Entretanto, o autor possibilitava uma leitura outra de seu conto, por via da malícia e da ironia. Já em “Singular ocorrência”, Machado de Assis desautoriza “as práticas tradicionais de leitura que dispensam a apreciação crítica e o esforço reflexivo” (p. 213). O conto diferencia-se das narrativas publicadas em outros periódicos, não por conta de sua personagem principal, Marocas, ser uma prostituta que cai de amores por um homem casado, Andrade, mas pela ambiguidade instalada no modo insólito de apresentá-la.

O texto *Memórias de um corpo* escrito por Betina Matarazzo e Juliana Santini, discute o conto “Cravinho”, parte da obra “Livro dos homens” (2005) de Ronaldo Correia de Brito, livro que apresenta tex-

tos que problematizam a questão da mulher “em um universo essencialmente masculino – o sertão e seus códigos – por meio de estratégias e sentidos muito distantes” (p. 244). Matarazzo e Santini identificam que o sertão do conto de Brito coloca o feminino em destaque, como parte importante deste cenário, o que produz uma diferença na obra do autor em comparação com outras abordagens deste espaço na literatura brasileira, comumente atrelado ao universo masculino. No conto analisado, o protagonista, José Gonzaga dos Passos, relembra sua história de participação no reisado, festa popular que conta com uma estrutura cênica, e na qual todos os participantes são rapazes e/ou homens, já que é vedada a participação de mulheres. O protagonista narra aos outros personagens como foi exercer um papel feminino na festa do reisado e, inclusive, como um rapaz ficou interessado nele, acreditando que ele fosse uma moça. As autoras compreendem que temos a inscrição do rompimento entre limites que parecem tão rijos entre corpos femininos e masculinos no espaço do sertão. Rompimento que ocorre pela via da arte e cultura, já que naquele universo, durante o reisado, o homem pode ocupar e possuir características atreladas ao universo feminino. As reflexões estabelecidas ao longo do capítulo mobilizam questões teóricas da Psicanálise (FREUD, 1994; LACAN, 1985) para discutir o corpo além da estrutura biológica e problematizar o modo como o corpo do protagonista é perpassado pelo feminino e o masculino em sua história.

Em *Feminíssima Trindade: as projeções de Eva, Virgem Maria e Maria Madalena sobre o imaginário cristão na consolidação do patriarcalismo ocidental*, o autor Filipe Marchioro Pfützenreuter discute o espaço das mulheres ao longo da história, considerando as transformações históricas e sociais envolvidas neste processo, tomando como base o livro "A mulher na humanidade" de Júlio de Queiroz, apre-

sentando colocações acerca da constituição do patriarcado e o modo como as mulheres foram postas de forma secundária nas estruturas religiosas do Ocidente, em especial, no Cristianismo. Pfützenreuter analisa o modo como o Cristianismo interferiu na constituição do Ocidente e nas significações acerca da mulher. Na parte analítica, o autor reflete sobre o discurso religioso cristão acerca da mulher na Bíblia, considerando os textos bíblicos por seu valor literário e não procurando tecer considerações sobre os seus valores históricos e teológicos, estabelecendo a análise de três personagens: Eva, a primeira mulher e pecadora original, abordada no livro de Gênesis; a Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, o salvador e filho de Deus, relatada nos textos dos Evangelhos; e Maria Madalena, figura que acompanhou Jesus Cristo e é identificada no imaginário popular como prostituta, sua abordagem ocorre nos livros dos Evangelhos.

Encerrando a terceira parte da coletânea, Karen Gabriele Poltronieri e Lucília Maria Abrahão e Sousa apresentam o capítulo intitulado *Notas deles, sobre elas*, em que abordam a obra de dois escritores e o modo como as mulheres são retratadas em seus textos: Machado de Assis, com o foco no livro “Dom Casmurro” e na personagem Capitu, publicado no século XIX e Zack Magiezi, com suas poesias produzidas nos espaços das redes sociais, no século XXI. Considerando diferentes contextos, condições de produção e problemáticas que afetam a vida das mulheres nessas duas épocas, as autoras trabalham com o viés teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, analisando essas diferenças acerca das mulheres e destacando o papel dos escritores na produção e (des)estabilização dos sentidos, considerando a literatura como produtora de outros sentidos em nossa sociedade, inclusive marcas de resistência. Na obra “Dom Casmurro”, é o personagem Bentinho quem narra a histó-

ria e apresenta a personagem Capitu, ele é quem fala sobre essa personagem. No século XIX, as autoras apontam que o objetivo principal das mulheres era conseguir casar, o que demandava saber executar as tarefas domésticas com precisão e adotar um comportamento identificado como recatado. Na análise das autoras, mesmo atrelada a essas noções e ao período, o narrador do livro inscreve Capitu como uma mulher que luta e questiona alguns valores de sua época. Na obra de Zack Magiezi, temos a voz de um autor sobre as mulheres do nosso tempo, considerando problemáticas e questões atuais, como a necessidade da abordagem de assuntos como empoderamento feminino, assédio e machismo. Temos, mulheres com questões que são outras, mas também, com muitos pontos que permitem uma relação e reflexão sobre as mudanças de comportamento e valores das mulheres no século XIX e XXI.

Finalizamos essa resenha, reforçando a importância de discutir questões atreladas aos estudos sobre gênero e problemáticas envolvendo pontos como o corpo, mudanças de comportamento sexual, sexo e sexualidade. Observamos na obra, trabalhos que mobilizam diferentes perspectivas analíticas, metodológicas e teóricas, atrelados a distintas áreas do conhecimento, com o enfoque em variados materiais de pesquisa para promover discussões e problematizações variadas. *Do cárcere à invenção: gêneros sexuais na contemporaneidade*, permite a produção de reflexões pertinentes ao momento atual e fornece rico material para os leitores que desejam trabalhar com temáticas como corpo, gênero, mulheres e sexualidade.

Recebido em 09/05/2017

Aceito em 11/06/2017